

**UMA NOTA SOBRE LITERATURA E POLÍTICA: THEODOR ADORNO
E O ESCRITOR COMO REPRESENTANTE**

Flávio P. Pimentel¹

Resumo: O objetivo deste texto consiste em apresentar as reflexões de Theodor Adorno acerca do artista como representante da ideia de homem total, tal como pensado pelo poeta Paul Valéry, como contraposição à divisão do trabalho no sistema capitalista. No texto *O artista como representante*, Adorno parte das reflexões sobre arte de Valéry, com o intuito de mostrar um alcance político no pensamento do poeta francês, rompendo com a contraposição entre os estigmas de arte pura e arte engajada. O que tornaria seu pensamento importante em se tratando do tema da relação entre política e literatura.

Palavras-chave: Adorno. Valéry. Literatura. Política. Estética.

As interpretações de literatura que nascem com os pensadores da chamada “Escola de Frankfurt” (Walter Benjamin, Gottfried Krakauer, Max Horkheimer, Jürgen Habermas, Theodor Adorno) continuam sempre relevantes em se tratando de pensar as possibilidades sociais da arte e, em particular, da literatura. Uma das vantagens desses pensadores está em tentar compreender a sociedade capitalista pensando tanto no modo como sua massificação acontece na cultura (através das análises do cinema, do teatro de revista, da literatura, da indústria da música) como em pensar nas questões que certas manifestações culturais colocam para a sociedade massificada, possibilitando, se não sua transformação imediata, ao menos colocando problemas a seu bom funcionamento de modo a constituir pontos de diferenciação. Se é assim, uma das coisas que precisa ser afastada é a pretensão de obviedade com que se costuma falar da relação entre arte (e, em especial para nós, a literatura) e política, enquadrando a importância social da literatura segundo certos esquemas, em que se leva em consideração acima de tudo o conteúdo social veiculado pelas obras, muitas vezes em detrimento de sua forma. O papel da denúncia de uma realidade desigual se transforma praticamente no único parâmetro para a avaliação do interesse político, o que se acirra muitas vezes num olhar que exclui certas obras de acordo com o critério de alienação e conscientização.

Certamente, para todos os “frankfurtianos” se trata de fazer emergir a situação de alienação do homem contemporâneo, de trazer sua verdade de volta para si mesmo. Porém, o modo como procedem não se satisfaz com uma valorização de um conteúdo social da arte, em detrimento de sua forma. O enquadramento da literatura nos termos do antagonismo entre

¹ Mestre em filosofia pela UFRJ; Membro do grupo de pesquisa *Nous – Estudos de hermenêutica filosófica e de história da filosofia* (UFRRJ); Professor de Introdução à filosofia e de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação das FIC/FEUC. Email: flavioppimentel@yahoo.com

literatura engajada e literatura pura obedece a um hábito social de rotular as obras, com que os filósofos pretendem romper. Em *O artista como representante*, texto que integra o livro *Notas de literatura* e que nos serve de base nessa pequena consideração, Adorno chega a questionar se a antítese entre arte engajada e arte pura não seria “um sintoma da trágica tendência ao estereótipo, ao pensamento enrijecido em fórmulas esquemáticas, que a indústria cultural produz por toda parte e que invadiu há muito tempo o âmbito da reflexão estética.” (ADORNO, 2003, p. 152)

A análise de Adorno é, neste sentido, ao mesmo tempo provocante e exemplar. Pois se põe a analisar a obra de Paul Valéry, um autor costumeiramente alocado no rótulo de uma arte pura, voltada apenas para o cultivo de sua forma, autor de uma poesia que, dada seu rebuscamento formal, não está voltada para uma compreensão imediata e que precisa jogar com as capacidades sensíveis do leitor (e não apenas intelectuais e conscientes) para sua compreensão, assim como está voltada para uma reflexão em torno da própria arte e do artista e não para uma realidade social concreta. Como o próprio Adorno diz, “uma obra que se abstém de atalhos em direção à práxis” (*Idem, ibidem*), isto é, que não visa, como seu alvo primeiro, conduzir a sociedade à ação ou ser ela mesma ação consciente e transformadora no meio da sociedade. O propósito de Adorno neste texto é, ultrapassando os rótulos, mostrar como há um alcance social nas reflexões de Valéry sobre arte. No seu trabalho formal, na sua dedicação ininterrupta à forma do poema, como uma reflexão que se volta para si mesma e não para a realidade concreta, estaria presente na atitude do artista a exigência feita ao homem de que ele se torne um homem completo, um homem integral, desperto, que precisa dispor de seus sentidos, sensações, memória, gostos, entendimento para poder tanto realiza-la, quanto, no caso do leitor, compreende-la. Adorno cita o próprio Valéry: “O que chamo de ‘a grande arte’ é simplesmente a arte que exige que *todas* as faculdades de um homem sejam nela utilizadas, e cujas obras são tais que *todas* as faculdades de um outro homem sejam invocadas no interesse de compreendê-las.” Ainda que não denuncie as injustiças sociais e invoque a união do povo explorado e massificado pela sociedade capitalista, uma exigência como essa de Valéry para o artista representaria o homem como “não dividido, aquele cujas reações e faculdades não foram dissociadas umas das outras, alienadas entre si e coaguladas em funções utilizáveis, segundo o esquema da divisão do trabalho.” (*Idem, ibidem*, p. 156) Ou seja, uma literatura como a de Paul Valéry poderia significar a exigência crítica de uma superação do homem fragmentado na divisão do trabalho. Se na sociedade capitalista a alienação do homem se dá por sua não identificação com seu trabalho e com o produto desse trabalho, se estendendo numa fratura de si mesmo em funções (trabalhar, consumir, ter prazer, ter lazer, se

instruir etc.), a literatura de Valéry exigiria tanto do criador, quanto do seu leitor a integração das capacidades do homem, representando uma pedra no caminho da divisão do trabalho, de um homem fraturado em funções. O que Adorno parece querer dizer é que não apenas a transmissão de um conteúdo conscientizante perfaz a dimensão política de uma obra literária; também as exigências da ligação intrínseca entre forma e conteúdo na literatura, ao dispor da totalidade do homem, podem representar também um ato político, enquanto transgressão de uma forma de homem vigente no capitalismo. A literatura de Valéry, pensa Adorno, “contém o potencial de uma reação possível contra aquela desagregação das capacidades humanas [...]” (*Ibidem*, p. 157)

Para Paul Valéry, a obra de arte possui leis próprias que o artista deve se esforçar por compreender e respeitar no momento de seu trabalho. Num texto em que comenta a criação de seu poema *Cemitério marinho* (VALÈRY, 2007), ele chega a dizer que o poema teria nascido de uma frase musical sem palavras, que sugeria versos de dez sílabas. Ele, contudo, levado pela prática comum do verso de doze sílabas, tentara várias vezes transformar o poema que nascia em um poema composto com versos de dozes sílabas, sem o conseguir. A “lei interna” do poema, do que dependia tanto o ritmo quanto, quanto o embalo sonoro das ideias exigia versos de dez sílabas. Isso ilustra que para Paul Valéry o poema não é fruto exclusivo da vontade do poeta e que ele, em seu exercício, tem de respeitar a lógica interna daquilo que está criando, como uma das tarefas de seu trabalho: “[...] a configuração rigorosa adquire uma legalidade imposta pela própria coisa, diante da qual a famosa liberdade criativa do artista pesa muito pouco.” (ADORNO, 2003, p. 160)

Adorno privilegia essa exigência de Valéry da dedicação do artista à obra, ao invés de pensar a obra como um produto do poeta “ao modo da propriedade privada”, como diz Adorno. Ainda uma vez, o alcance aqui é social: a dedicação do artista à obra representaria, assim, uma negação da possibilidade de que a obra de arte seja feita à medida do gosto do consumidor, “onde se degrada a palavra e a forma a mero meio, a elemento do nexos geral de efeitos, a manipulação psicológica, esvaziando assim a coerência e a lógica da obra de arte, que deixa de se desenvolver a partir das leis de sua própria verdade e passa a seguir a linha da menor resistência possível entre os consumidores.” (*Idem, Ibidem*, p. 158)

Com isso, uma arte como a de Valéry serviria como um posicionamento crítico em relação a algo tão comum em todas as instâncias da vida social hoje em dia: a exigência de praticidade, isto é, sua aplicação prática imediata, sendo útil, como também sua compreensibilidade imediata, que refuga e reclama diante dos problemas. Com isso, poetas como Paul Valéry exprimiria, ainda que não fazendo uma “literatura engajada”, como se

rotula geralmente, “a contradição entre o trabalho artístico enquanto tal e as condições sociais da produção material contemporânea.” (*Idem, ibidem*, p. 159)

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura e política*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

VALÈRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007.